Beijos e crimes

ALBERTO MACHADO

1ª edição

Edição do autor

Belo Horizonte

2024



Copyright © 2024by Alberto Machado

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida total ou parcialmente, por nenhuma forma e nenhum meio, seja mecânico, eletrônico, ou qualquer outro, sem autorização prévia escrita do autor.

Tenham uma
boa leitura!

Alberto Machado

Capítulo 1: O Encontro

A chuva caía incessantemente, criando uma sinfonia de batidas suaves contra o vidro da janela do café. As luzes da cidade refletiam nas poças d'água, e o cheiro de café fresco preenchia o ar. Em uma mesa no canto, Ana observava as pessoas passarem, perdidas em seus próprios pensamentos. Ela sempre teve um talento para perceber detalhes — o modo como alguém segurava a bolsa, a expressão no rosto de um estranho, as pequenas interações que muitas vezes passavam despercebidas.

Ana era uma investigadora particular, e sua mente estava sempre em movimento. Nas últimas semanas, um caso intrigante a consumia: o desaparecimento de uma jovem chamada Clara. A polícia não parecia muito interessada, considerando que Clara havia desaparecido voluntariamente, mas Ana sentia que havia algo mais profundo por trás daquela história.

Enquanto pensava em suas estratégias para descobrir o que realmente havia acontecido, seu telefone vibrou. Era uma mensagem de sua amiga e colega, Júlia.

Júlia: "Precisamos conversar. Encontro você no café às 17h?"

Ana olhou para o relógio e percebeu que já era quase 17h. Uma onda de antecipação percorreu seu corpo. Júlia sempre trazia informações úteis, e o toque de urgência em sua mensagem indicava que algo importante estava por vir.

Quando Júlia entrou, um vento gelado a acompanhou, fazendo os cabelos dela dançarem ao redor do rosto. Ela se aproximou da mesa com um semblante sério. Assim que se sentou, Ana percebeu que algo a incomodava.

Ana: "O que aconteceu?"

Júlia: "Lembra do caso da Clara? Acabei de receber uma informação que pode mudar tudo."

Ana se inclinou para frente, o interesse aguçado. "O que você sabe?"

Júlia: "Um informante me disse que Clara não desapareceu sozinha. Ela estava envolvida com um grupo de pessoas... perigosas."

Ana franziu a testa. "Perigosas? Que tipo de grupo?"

Júlia: "Pessoas que estão ligadas a um caso de tráfico de drogas. Dizem que Clara estava se envolvendo com um rapaz que faz parte disso."

A revelação deixou Ana inquieta. Clara sempre foi uma jovem cheia de vida e sonhos. O pensamento de que ela poderia estar envolvida em algo tão sombrio era perturbador.

Ana: "Precisamos descobrir mais sobre esse rapaz. Você sabe quem é?"

Júlia: "Ainda não. Mas eu tenho um contato que pode nos ajudar. Um amigo que tem algumas conexões no submundo."

Ana: "Vamos falar com ele. Precisamos fazer isso antes que seja tarde demais."

O olhar de Júlia transmitia preocupação, mas também determinação. Elas se levantaram e deixaram o café, decididas a buscar respostas. A chuva havia diminuído, mas o céu ainda estava carregado de nuvens escuras, como se o clima estivesse refletindo a tensão crescente entre as duas amigas.

Ao chegarem ao local onde o amigo de Júlia, Carlos, costumava se encontrar com informantes, o ambiente era sombrio e desconfiado. O cheiro de fumaça e álcool permeava o ar. As paredes estavam cobertas de grafites e os poucos clientes pareciam absortos em suas próprias histórias tristes.

Carlos, um homem de aparência rústica e olhar penetrante, estava sentado em uma mesa de canto, com um copo na mão. Assim que Júlia se aproximou, ele a cumprimentou com um aceno.

Carlos: "Oi, Júlia. E você deve ser a famosa Ana. O que vocês estão procurando?"

Ana: "Precisamos de informações sobre Clara. O que você sabe sobre o grupo em que ela estava envolvida?"

Carlos analisou as duas, como se pesasse as palavras que estava prestes a dizer. "Olha, o que vou contar não é brincadeira. Esse grupo não é apenas sobre drogas; eles têm interesses em várias atividades ilegais. Clara pode estar em apuros."

Júlia: "Precisamos saber mais sobre o rapaz que ela estava envolvendo. O nome dele, qualquer informação que você tenha."

Carlos hesitou, olhando ao redor como se temesse ser ouvido. "O nome dele é Thiago. Ele é astuto e tem uma boa rede de contatos. Se Clara estava com ele, ela deve estar em um lugar que você não gostaria de ir."

Ana e Júlia trocaram olhares de preocupação. Era uma pista, mas o caminho a seguir estava repleto de perigos.

Ana: "Onde posso encontrá-lo?"

Carlos sorriu de forma cínica. "Você não vai gostar do que eu tenho a dizer. Thiago é um dos mais procurados na cidade. Mas ouvi rumores de que ele costuma aparecer em um bar chamado 'O Lobo'."

O nome soou como um aviso. Ana sabia que aquele lugar era um ponto de encontro para os mais problemáticos da cidade, mas a urgência de encontrar Clara superava seu medo.

Júlia: "Nós vamos atrás dele."

Carlos: "Cuidado. Você está lidando com pessoas que não hesitarão em machucar quem estiver em seu caminho."

Enquanto deixavam o local, a tensão no ar era palpável. Ana sentia o peso da responsabilidade sobre seus ombros. O que havia começado

como uma simples investigação agora se transformava em uma jornada perigosa.

As luzes da cidade começaram a brilhar ao anoitecer, refletindo o estado emocional de Ana. Ela estava determinada, mas o receio a acompanhava como uma sombra. O que encontrariam no bar "O Lobo"? E o que realmente havia acontecido com Clara?

Uma coisa era certa: a busca pela verdade estava apenas começando. E Ana estava disposta a enfrentar o que fosse necessário para trazer sua amiga de volta.

Ana e Júlia se afastaram do bar de Carlos, com o coração acelerado e a adrenalina correndo nas veias. O céu noturno estava mais escuro, e as luzes da cidade piscavam como se estivessem alertando sobre os perigos à frente.

Júlia: “Você acha que estamos fazendo a coisa certa, Ana? O Lobo é um lugar perigoso.”

Ana: “Eu sei, mas não podemos desistir. Clara precisa de nós. Se Thiago tem alguma ligação com o que aconteceu, temos que descobrir.”

Júlia: (suspirando) “Eu só espero que não estejamos nos metendo em algo que não conseguimos controlar.”

As duas chegaram ao bar, que estava localizado em uma rua secundária, longe do movimento habitual. A fachada era sombria, com janelas embaçadas que deixavam escapar risadas altas e música estrondosa. A porta rangia ao ser aberta, revelando um ambiente cheio de fumaça e vozes entremeadas.

Ana: “Fique perto de mim. Vamos apenas fazer algumas perguntas e sair.”

Elas se moveram através da multidão, observando o ambiente. O bar era um labirinto de mesas, com homens e mulheres de olhares desconfiados, muitos deles parecendo que pertenciam a um mundo que elas nunca conheceriam. O cheiro de álcool e tabaco era intenso, quase sufocante.

Júlia: “Onde começamos?”

Ana: “Vamos até o bar e ver se conseguimos falar com alguém que conheça Thiago.”

Quando chegaram ao balcão, um barman de expressão carrancuda se aproximou. Seus braços estavam cobertos de tatuagens, e seu olhar parecia pesar cada palavra que lhe era dirigida.

Barman: “O que vocês querem?”

Ana: (com firmeza) “Estamos procurando Thiago. Você sabe onde podemos encontrá-lo?”

O barman a avaliou, a desconfiança evidente em seu olhar. Ele fez uma pausa longa antes de responder.

Barman: “Thiago não é alguém que você deve estar procurando. Ele tem seus próprios negócios e não gosta de ser interrompido.”

Júlia: “Por favor, é importante. Precisamos de ajuda.”

O barman hesitou, olhando para os lados como se quisesse ter certeza de que ninguém estava prestando atenção. Finalmente, ele falou em um tom baixo, quase sussurrando.

Barman: “Ele costuma vir aqui às quintas-feiras, mas esteja avisada: a última pessoa que o incomodou não saiu muito bem.”

Ana: “Onde podemos encontrá-lo se não estiver aqui?”

Barman: “Ele tem um ponto de encontro em um armazém abandonado na zona portuária. Mas eu não recomendaria ir lá. É um lugar quente.”

Ana trocou olhares com Júlia. O armazém poderia ser o lugar onde Clara estava. A sensação de urgência voltou a dominá-las.

Ana: “Nós precisamos ir até lá.”

O barman fez um gesto de aviso, mas Ana já estava determinada. As duas saíram do bar, a música e as risadas se apagando à medida que a porta se fechava atrás delas. A chuva tinha recomeçado, caindo em gotas pesadas que pareciam acompanhar o ritmo de seus corações.

Júlia: “Ana, isso é uma loucura. Não podemos simplesmente entrar em um armazém abandonado sem um plano.”

Ana: “Eu sei, mas não podemos perder tempo. Se Clara estiver lá, precisamos encontrá-la.”

Júlia: (hesitando) “Certo, mas vamos ser discretas. Não quero que chamemos a atenção de ninguém.”

A caminho do armazém, a tensão aumentava. Ana sentia uma mistura de medo e determinação, um impulso quase incontrolável para resolver o mistério. Ao chegarem à zona portuária, o cenário era desolador. Estruturas metálicas se erguiam contra o céu tempestuoso, e o cheiro do mar misturava-se com a umidade e o mofo dos prédios abandonados.

Ana: “É aqui. O armazém deve ser aquele ali.” (apontando para uma construção deteriorada, com janelas quebradas e uma porta entreaberta.)

Júlia: “Vamos com cuidado. Não sabemos o que podemos encontrar lá dentro.”

Elas se aproximaram, a escuridão quase total envolvia o local. O som da água batendo contra os pilares e o vento assobiando tornava o ambiente ainda mais ameaçador. Ana empurrou a porta lentamente, fazendo um rangido que ecoou por todo o armazém.

Ana: “Vamos. Fique perto.”